

Universidade Federal do Pampa

Graziele Mello Monteiro

Produção de Texto na Alfabetização:

O valor das primeiras produções textuais

Bagé – RS

2013

GRAZIELE MELLO MONTEIRO

**PRODUÇÃO DE TEXTO NA ALFABETIZAÇÃO:
O VALOR DAS PRIMEIRAS PRODUÇÕES TEXTUAIS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras, da Universidade Federal do Pampa (Campus Bagé), como requisito parcial para a aprovação no componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientadora: Dr^a. Taíse Simioni

Bagé

2013

GRAZIELE MELLO MONTEIRO

PRODUÇÃO DE TEXTO NA ALFABETIZAÇÃO:

O VALOR DAS PRIMEIRAS PRODUÇÕES TEXTUAIS

TCC II

Graduação em Letras –

Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas.

Orientadora: Dr^a. Taíse Simioni

TCC defendido e aprovado em: 02./ 05 / 2013.

Banca examinadora:

Prof^a. Dra. Taíse Simioni

Orientador

Unipampa

Prof^a. Dra. Fabiana Giovani

Unipampa

Prof^a. Me. Silvana Silva

Unipampa

Dedico esta monografia aos meus amados pais,
Aimoré e Eloisa, à irmã Simone e a meu marido Neir,
maiores incentivadores e fontes inesgotáveis de apoio,
amor e compreensão.

AGRADECIMENTO

A Profa. Dra. Taíse Simioni pela orientação e pelo apoio para que eu realizasse o TCC.

A Profa. Katia Moraes pelo apoio e atenção em seu período de Coordenadora do Curso de Letras.

Aos professores, minha gratidão pela forma de conduzir o curso em todas as etapas.

A todos os colegas de curso pelo convívio e pelos momentos de amizade.

A todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta pesquisa.

“... A minha contribuição foi encontrar uma explicação a qual, por trás da mão que pega o lápis, dos olhos que olham, dos ouvidos que escutam, há uma criança que pensa.”

Emília Ferreiro

RESUMO

A presente monografia teve como objeto de pesquisa a produção de texto na alfabetização, com o tema “Produção de Texto na Alfabetização: O valor das primeiras produções textuais” com o objetivo de observar nas salas de aula o processo de produção de texto e coletar dados a partir de entrevistas com professores do 2ª ano, observando as aulas e coletando as produções de textos dos alunos com o foco na produção textual escrita em quatro turmas de redes Municipal e Estadual no Município de Pinheiro Machado (RS). A partir dos textos coletados e observado o desenvolvimento do trabalho desses professores e de como foram feitas as avaliações desses textos, além de comparar se a realidade da aula condiz com seus relatos na entrevista pessoal bem como a análise dos meios didáticos desenvolvidos pelas professoras durante esse processo, verifiquei também se o professor insere seu aluno ao letramento diferenciando o letramento da alfabetização. A fundamentação teórica para a pesquisa tem por base leituras de Soares (2010), Cagliari (2009), Geraldi (2006) e os PCNs (1998). Nessa perspectiva, acredito que essa investigação contribuirá no sentido de compreensão do valor do processo de produção de texto nas turmas de alfabetização, e que venha a colaborar para um novo olhar e para uma prática de valorização à produção de texto nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Minha avaliação me conduziu a resultados positivos que mostraram que o professor está procurando se adaptar e inserir seu aluno à produção escrita.

Palavras- chave: letramento, texto e valorização do texto.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1.	ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO	11
2.2.	PCNs E A PRODUÇÃO DE TEXTOS	12
2.3.	A ESCRITA NO MUNDO DA CRIANÇA	17
2.4.	AVALIAÇÃO DA PRODUÇÃO TEXTUAL	17
3	METODOLOGIA	21
4	ANÁLISE DOS RESULTADOS	22
4.1.	A PRÁTICA DA PRODUÇÃO DE TEXTO NA SALA DE AULA.	22
4.2.	MÉTODOS UTILIZADOS PARA A PRODUÇÃO TEXTUAL	23
4.3.	AVALIAÇÃO DO TEXTO FEITA PELOS PROFESSORES	25
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	
	ANEXOS	

1- INTRODUÇÃO

A pesquisa “Produção de Texto na Alfabetização: O valor das primeiras produções textuais” surgiu em consequência de minha trajetória profissional, pessoal e até acadêmica, conversas com colegas do curso de Letras e com colegas da escola e também de presenciar discussões entre outros professores. Nessas conversas e discussões entre os professores das séries finais os quais “acusam” os professores de séries iniciais de serem os culpados de alguns alunos que chegam às séries finais do ensino fundamental por não saberem “escrever, nem expressar suas ideias ou não saber regras básicas para produzir textos”.

Se formos refletir sobre o assunto, as produções de textos devem ser desenvolvidas e aprimoradas série após série no decorrer da vida escolar. Esse processo deve ser abordado com atenção pelos professores de todas as séries e não apenas nas séries iniciais.

Esse tipo de discussão me fez querer saber um pouco mais sobre o porquê desses alunos terem essas dificuldades e se realmente não é trabalhado a produção de texto como deveria e foi isso que me levou a fazer a pesquisa de campo.

A pesquisa tem o propósito de verificar como o professor de 2º Ano das séries iniciais “agora o segundo ano é a sala específica de alfabetização a partir da mudança de 8 para 9 anos no ensino fundamental onde o aluno passa a frequentar o primeiro ano com 6 anos e não mais aos 7 anos”, o trabalho aborda a produção de texto nas salas de aula e não de julgar o trabalho desse professor. Com um questionário, aplicado a quatro professores da rede pública de Pinheiro Machado (RS) eu tive o objetivo de verificar como é conduzida a produção textual em suas salas de aula, a frequência das produções e como procedem com elas.

Para isso durante os três últimos meses de 2012 observei as aulas e recolhi os textos das aulas observadas, mas foi solicitada aos professores a entrega somente depois de terem sido avaliados e corrigidos os textos, o que em alguns casos levou alguns dias. Eu observei como o professor valoriza o trabalho com a produção do texto em sala de aula ou se ele apenas usa como

um mero exercício em sala sem dar o valor merecido a essas produções de seus alunos. Foram no mínimo três visitas em cada turma com uma média de 18 alunos frequentes no dia, pois algumas vezes eu ia até a escola e os professores me avisavam que não iriam trabalhar produções textuais naquele dia.

Verifiquei que mesmo com todas as dificuldades com relação a turmas difíceis (agitadas) e crianças com diferenças em níveis de aprendizagem o professor procura fazer o possível em suas aulas para seu aluno produzir e desenvolver mais a escrita em cada texto. O professor incentiva o aluno com relação à letra para que seus alunos escrevam com uma letra legível e alguns dizendo a seus alunos como incentivo “Ah, você pode escrever mais, é capaz de criar belos textos”, mas só o incentivo oral não é o suficiente; esses professores poderiam trabalhar mais vezes em suas aulas com produção de texto porque quanto mais o aluno escrever, criar e desenvolver essa prática melhores escritores poderão vir a ser futuramente, mas salientando que não é apenas escrever só por escrever. Além de que deveriam trabalhar a reescrita e explorar as palavras “erradas” desses textos em atividades no decorrer das aulas. E isso não é feito, pois não envolviam o aluno em atividades de reescrita dos textos ou exploração dos mesmos.

Percebi nas leituras dos textos dos alunos o que seriam algumas falhas na avaliação desses textos, pois há textos em que o professor não conduziu o aluno a refletir sobre suas deficiências, apenas ele próprio (o professor) fez as alterações e isso quando fez, pois tem muitos casos nos textos dos alunos que poderiam ser abordados com uma reescrita. Cagliari (2010) diz para não pressionar o aluno com a escrita correta, mas no segundo ano há atividades que podem ser exploradas com as palavras escritas de forma incorreta no texto, para o aluno desenvolver a escrita das mesmas.

O aluno gosta de escrever, principalmente a criança gosta de escrever, mas tem que ser estimulado e o professor tem que fazer com que ele pense e reflita com o seu texto e com “seu erro”; devemos fazê-los reler e reescrever para produzir melhor e é claro sempre fazer com que escrevam mais, mas com prazer e não por obrigação e como educadores devemos antes preparar o aluno, escolher um tema que o atraia ou que ele conheça previamente.

Neste trabalho de pesquisa o leitor irá encontrar e poderá refletir sobre a importância do texto na vida escolar da criança, perceberá a diferença entre alfabetizar e letrar, e refletirá sobre o quanto é importante estimular seu aluno a escrever, mesmo que este ainda não esteja alfabetizado.

2- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A prática da produção textual visa formar alunos escritores competentes e aptos a criar textos. É papel do professor propor aos alunos esse desafio de ampliar a sua criatividade que os permita desenvolver sua competência escrita. Usei como estudo para a pesquisa leituras de Cagliari (2009), Soares (2010) e os PCNs. Esse trabalho de produção de textos deve ser desenvolvido a partir das séries iniciais de alfabetização e letramento, e aprimorado ao longo das séries para os alunos terem um melhor desempenho e capacidade escrita.

Nessa seção teremos a ideia da importância da prática de escrita na sala de aula para o desenvolvimento do pequeno aluno escritor. Tenho consciência do quanto é importante a leitura nesse processo de desenvolvimento da criança mas deixo claro que meu trabalho tem como foco a escrita .

2.1-ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

“Alfabetização é o processo pelo qual o indivíduo se apropria dos princípios do sistema alfabético e de habilidades para utilizá-los para ler e escrever” (Soares, 2010 p. 47). Podemos perceber e assim confirmar com essa leitura que o aluno constrói o conhecimento passo a passo em um processo de aquisição de escrita e leitura e assim acontecerá também nas produções de texto de modo que se dará em um processo contínuo de prática de escrita.

Letramento é o “estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever”(Soares, 2010 p. 47). Esse indivíduo pertence a um mundo escrito e apropria-se dessa leitura e escrita diária, mesmo sem estar alfabetizado.

Percebe-se com a leitura de Soares que a alfabetização vem de um processo de aquisição do indivíduo em desenvolver habilidades para a leitura e escrita. Esse aprender leva tempo e é um processo de formação individual próprio ao seu ritmo e entendimento, aperfeiçoando conhecimento e escrita com o tempo.

No que diz respeito ao letramento, a criança ou adulto letrado já não é mais o mesmo. Ela passa a ter uma outra condição social e cultural; o indivíduo passa a ter uma forma de pensar diferente da forma de pensar de uma pessoa analfabeta ou iletrada e passa a se utilizar de práticas e situações presentes de leitura e escrita, por exemplo: escrita de cartas, bilhetes e avisos, leitura de jornais, revistas, livros, rótulos de embalagens, placas e outdoors, escuta de histórias, poemas e parlendas, dentre outros que fazem com que o nosso aluno passe a “viver” em contexto diferente de antes quando era apenas alfabetizado.

O indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado. Quer dizer que a criança pode saber ler e escrever, foi alfabetizada, mas pode não praticar e participar de um mundo letrado, pode não ter o hábito de ler sem ser em sala de aula, por exemplo, por isso ela deve ser estimulada a ler e escrever.

E no contexto das produções textuais o aluno em processo de alfabetização e letramento deve ser estimulado e explorado, praticando leituras e escutando leituras, além de ser apresentado a vários gêneros de textos em sala de aula pelo educador alfabetizador.

Alfabetização e letramento andam juntos, ou então deveriam, pois não basta só alfabetizar, tem que inserir o aluno em um contexto de leitura em que eles possam desenvolver e aprimorar seu conhecimento, tornando-se parte de suas vidas e é necessário para isso que nossos alunos interajam com todos os gêneros possíveis e estejam inseridos num contexto de leituras, assim terão uma base mais ampla para produzir seus textos e desenvolver a escrita, exercitando seus conhecimentos e aprimorando o desenvolvimento de seu raciocínio.

E o professor é o elo que envolve essa “criança” aluno e o mundo de conhecimentos. É dever do professor, dar uma atenção aos métodos utilizados para produção de texto para tornar mais agradável a escrita. Os professores observados neste trabalho, conforme dito por eles em conversa, usam como

recurso para incentivo à produção textual: desenhos impressos, contos e histórias lidas pelo professor mesmo, filmes e desenhos em DVD, algumas datas comemorativas, etc. Esses recursos utilizados pelos professores demonstram que há uma base de informação necessária para os alunos desenvolverem as suas criações, inserindo assim outros gêneros no letramento desses alunos.

Por esse novo tipo de visão na Educação houve a necessidade de se pensar sobre esse fenômeno de leituras variadas e do uso das mesmas no cotidiano das pessoas. Surgiu a necessidade de um novo termo, de uma nova palavra para designar o “letramento”, mas de onde surgiu esse termo que atualmente é tão mencionado, e que ainda gera tantas dúvidas?

Para compreendermos melhor o surgimento do letramento na língua partirei das citações de Soares (2010) a partir do ponto de que “aparecem palavras novas quando fenômenos novos ocorrem ou um fato ou objeto novo surge, pois o ser humano tem a necessidade de dar nomes às coisas” (Soares, (2010, p. 34).

Por isso surgiu o termo “letramento” em decorrência de ter aparecido um fato novo e precisava-se de um nome para ser dado a um fenômeno que não existia antes ou que não era percebido ainda.

Como explica Soares (2010), a palavra “letramento” é uma tradução para o português da palavra inglesa “literacy” (condição de ser letrado), dando à palavra “letrado” sentido diferente daquele que vinha tendo em português de modo que letrado era “versado em letras, erudito” e o “iletrado” era aquele que não tinha conhecimentos literários, mas esses sentidos não são os mesmos do letramento surgido depois.

Hoje a palavra já faz parte de nosso contexto e está em nossos dicionários de Língua Portuguesa e é o ato ou efeito de letrar (se). É o estado ou condição da pessoa de utilizar-se da escrita para o seu desenvolvimento social e cultural.

Há registro de a palavra ter sido citada no dicionário Calda Aulete há mais de um século, conforme Soares (2010).

A palavra “letramento” surgiu novamente em 1986 no livro de Mary Kato: “No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística” e em 1988 a palavra “letramento” foi lançada no mundo da educação e a partir desse momento

passa-se a definir o que é letramento e distinguir letramento de alfabetização em vários livros e por vários autores, passando a ser título de vários livros, como mostra Soares (2010).

Desse modo como não existia a palavra “letramento” e ela passou realmente a tornar-se necessária a partir dos anos 80, podemos dizer que foi inventada, criada com essa função de suprir esse novo contexto educacional, esse novo fenômeno.

“Nota-se assim a diferença entre o indivíduo que sabe ler e escrever do indivíduo que além de saber ler e escrever passa a usar a leitura e escrita como prática social” (Soares, 2010 página 37), assim ele faz o uso da leitura, afinal um adulto ou criança pode ser alfabetizado, sabe ler e escrever, mas não ser letrado e ao contrário também, pois pode ser analfabeto, ou uma criança ainda pequena da educação infantil ou de menor idade e saber reconhecer produtos pela marca escrita na embalagem, como o nome de um refrigerante, por exemplo, e isso sem serem ainda alfabetizadas, mas serem letrados fazendo o reconhecimento de escrita.

“Tornar-se letrado é tornar-se cognitivamente diferente: a pessoa passa a ter uma forma diferente de pensar e falar de uma pessoa analfabeta ou iletrada” (Soares, 2010, p. 37).

Estudos têm mostrado que uma pessoa letrada pode mudar a sua linguagem oral, passando a falar diferente de quando não era alfabetizado e era iletrado. Isso prova que o convívio e o uso da língua escrita podem influenciar a língua oral, comprovando assim que aprender a ler e escrever além de fazer uso da leitura e da escrita leva a pessoa a um outro estado ou condição sob aspectos sociais, culturais, cognitivos, linguísticos, etc.

Para definir letramento podemos dizer que é o resultado da ação de ensinar e de aprender as práticas sociais de leitura e escrita. É o estado ou condição que adquire um indivíduo ou um grupo social, salientando que ter-se apropriado da escrita e leitura é diferente de ter aprendido a ler e escrever, que é alfabetizar.

Comprova-se desse modo a diferença entre os dois termos alfabetização e letramento e o modo como surgiu essa nova palavra “letramento” na língua portuguesa e como foi importante o seu “nascimento” para a educação no Brasil.

Em relação à nomeação e à definição entre os dois termos - letramento e alfabetização -, muitas pessoas ainda podem ter dúvidas e fazer um pouco de confusão, mas a proposta em si está sendo usada nas escolas.

O ideal seria de o professor alfabetizar letrando, mas esse professor não pode esquecer a importância do processo de alfabetização e ele deve inserir seu aluno a um contexto de letramento de uma maneira que possa trabalhar das duas maneiras para um melhor rendimento do educando.

Para esse desenvolvimento não adianta ter uma sala de aula preparada e decorada para as práticas de letramento com vários gêneros de leitura ao alcance do aluno e não saber como inserir seu aluno ao letramento e bem como não ter um objetivo específico para as suas produções textuais.

Fazendo com isso que seu aluno crie, produza e desenvolva os textos apenas para o professor na sala de aula.

2.2- PCNs E A PRODUÇÃO DE TEXTO

Segundo os PCNs, o trabalho com produção de textos tem como finalidade formar escritores competentes, capazes de produzir textos coerentes e coesos, “formar escritores competentes supõe, portanto, uma prática continuada de produção de textos na sala de aula” (1998, p. 68), partindo assim das classes de alfabetização. Podemos afirmar que o “texto é o produto da atividade verbal, oral ou escrita que forma um todo significativo e acabado, qualquer que seja a sua extensão” (1998, p. 25).

Escola e professores a partir da alfabetização devem dar uma atenção especial ao trabalho com gêneros textuais e produções de texto em diferentes contextos de gêneros, pois circulam diariamente no contexto social diversos gêneros textuais, e segundo os PCNs “cada aluno deve se tornar capaz de interpretar diferentes textos que circulam socialmente, de assumir a palavra e, como cidadão, de produzir textos eficazes nas mais variadas situações” (1998, p. 19). Mas sabe-se que para isso o aluno deve estar familiarizado e inserido nesse contexto para poder aprimorar sua criatividade.

Para o desenvolvimento dessas habilidades, o trabalho com textos é visto como algo essencial para a aprendizagem e o desenvolvimento. O professor deve trabalhar e apresentar ao seu aluno diferentes tipos de gêneros

e frequentemente usá-los em suas atividades e despertar no aluno o interesse para criar e produzir a partir desses gêneros.

A proposta dos PCNs valoriza a escrita e propõe ao educador esse desafio e trabalho da produção textual ainda no início do processo escolar, para formar seres pensantes e atuantes para uma sociedade moderna e competitiva.

Quanto mais o aluno estiver inserido nesse contexto de gêneros de leitura e escrita e sentir-se estimulado e valorizado irá se sentir mais seguro na produção escrita. O professor deve ser esse mediador de instrução e conhecimento.

Se as propostas dos PCNs nos remetem ao ponto de que devemos valorizar a escrita de textos e que nossos alunos devem produzir e estar inseridos nesse contexto, este é o ponto “chave” da pesquisa, em que eu queria perceber se os professores prezam esse conhecimento, se realmente eles estimulam seus alunos a produzirem textos em suas aulas. Pude perceber que sim, posso dizer que a minha pesquisa foi positiva. Mesmo sem ter a frequência que eu esperava, o aluno que observei é incentivado pelo professor e estimulado à escrita e à leitura em suas aulas. Com isso respondo que o professor procura fazer sua parte em sala de aula, usando textos para leituras em suas aulas ao invés de frases e palavras isoladas, explorando os textos dados e fazendo o aluno refletir.

A ideia de trabalhar com os gêneros na escola surgiu da necessidade de trazer o contexto, a situação de produção e a recepção do texto, para a sala de aula. Quem escreve precisa saber para quem está escrevendo, o que quer dizer e com que objetivo está escrevendo. Um texto ou frases isoladas fica fora do contexto em que ele foi produzido e da situação na qual ele será lido. Por isso a importância de trabalhar com gêneros diferentes e familiarizar já nas séries iniciais as crianças nesse contexto. Com isso o professor deve reconhecer a importância de inserir o aluno em um contexto de gêneros diversos e ser o mediador para que o aluno amplie seu conhecimento e a sua produção escrita.

Essa parte de introduzir o texto na sala de aula já faz parte do cotidiano do aluno, mas as produções ainda requerem um pouco mais de atenção pelo lado do professor, que acaba acomodando-se em relação de explorar mais

essa técnica em aula para termos assim escritores mais críticos e competentes.

Para termos nossos escritores competentes, sabemos que a partir da educação infantil já devem ser estimuladas as crianças tanto na oralidade como também a inserindo em um contexto de leitura e escrita como, por exemplo: livros, gibis, contos de histórias pelo professor, trabalhar com letras entre outras atividades. Esse processo irá sendo desenvolvido até chegar aos anos iniciais, mas essa criança deve ser incentivada a esse contexto.

A prática contínua da produção textual das séries iniciais, mesmo pelo aluno não alfabetizado, ou seja, aquele que não domina a leitura e a escrita deve ser feita com frequência, pois é assim que o educando irá desenvolver as condições para as suas produções futuras, praticando, lendo, refletindo ou mesmo ditando seu texto a um colega ou ao professor.

O educando deve gostar do que faz e ter por que escrever e para quem e é dessa maneira que os PCNs nos conduzem ao método da escrita e a valorizar o uso do texto nas aulas de Língua Portuguesa e das produções textuais já no primeiro ciclo (1º e 2º ano).

2.3-A ESCRITA NO MUNDO DA CRIANÇA

Segundo CAGLIARI (2009), a criança adquire a capacidade de expressar-se pela língua e pela escrita. Ainda no início do texto ele expõe a fragilidade da escola ao receber crianças de variadas condições de interação social, sem que para isso ocorra um preparo e explica o que a escola ensina e a forma como somos avaliados e ensinados a língua portuguesa, desde as séries iniciais ao final do ensino médio. Ele mostra como aprendemos pouco durante vários anos de estudo e como as escolas têm dificuldade para avaliar o quanto uma criança em processo de alfabetização conseguiu aprender.

Para o autor falta à escola distinguir os problemas de fala dos problemas de escrita, pois a fala apresenta uma infinidade de dialetos e a escrita ortográfica é o único uso da língua portuguesa que não admite variação.

Cagliari é bastante feliz nas suas afirmações sobre a incoerência do ensino do português para crianças em fase de alfabetização, que vivem

realidades diferentes e utilizam dialetos próprios de casa ou regionais e os transferem para a escrita.

A obra tem por objetivo mostrar como a linguística pode revolucionar o ensino do português desde as séries iniciais, e as deficiências no ensino da língua “falada”. É um texto ideal para educadores de todas as áreas assim como para estudantes da área de educação entre outros. Essa leitura é importante a todo educador.

A criança ao chegar no contexto escolar deverá ser estimulada e preparada a organizar suas ideias, além de desenvolver o processo escrito, que pode ser mais lento de criança para criança.

O aluno chega na escola cheio de expectativas e em um mundo novo com princípios de responsabilidades e uma carga de informações e com realidades diferentes e caberá ao professor organizar essas novas realidades e explorar a criatividade da criança na produção escrita.

2.4 AVALIAÇÃO

Procurar critérios para melhorar o desempenho profissional é fundamental para o educador, que deve estar refletindo sempre sobre suas práticas. A partir da leitura de Geraldi (2006), podemos pensar como avaliar as produções de texto. O professor deve respeitar a palavra do aluno, interagir acrescentando, discordando, questionando para assim fazer com que ele venha a refletir e interagir sobre a escrita.

Dessa forma o professor deve valorizar o trabalho de seu aluno, levando em consideração as diferenças e as dificuldades dos mesmos. O educador poderá adequar as produções com o nível de cada um, pois se há níveis diferentes de conhecimento automaticamente terá que repensar a atividade escrita e as questões a observar e a cobrar na escrita através desses níveis diferentes de conhecimento.

Uma criança que está em processo de formação da escrita deve ser valorizada e explorada nesse ponto seja, de forma oral ou escrita, e deve ser levada a perceber o valor do seu trabalho e sempre questionada a refletir sobre o que diz e escreve.

O papel do professor é fundamental nesse processo de incentivo, questionamento e valorização. Observei em meu trabalho como o professor age com esse texto, o que ele faz, se aponta o que deve ser melhorado, valorizando o que foi produzido.

Existe diferença entre corrigir um texto e avaliar um texto. Corrigir implica a busca por seus erros, e avaliar um texto implica uma interação real com o texto que está sendo lido. Mas ao avaliar não se podem analisar os textos de alunos diferentes de uma mesma forma, o professor deve estabelecer critérios próprios para que a avaliação seja justa e consiga produzir resultados nas produções futuras.

Essas diferenças entre avaliar e corrigir poderá implicar muito no desenvolvimento de uma produção do aluno. Com as observações e leitura dos textos dos alunos pude perceber qual ponto foi explorado pelo professor ou como ele faz com o texto das crianças.

O que percebi com base nas observações é que o professor na maioria dos textos dos alunos apenas marca a ortografia errada ou corrige na própria folha e não há uma reescrita desses textos, pelo menos dos que eu recolhi das turmas. Saliento que alguns eu peguei mais de uma semana depois das aulas observadas em virtude do professor não ter tempo para fazer as correções em aula e terem levado para corrigir em casa.

Após as ditas “correções” feitas pelos professores posso dizer que foi impressionante a leitura feita desses textos. Muitos parecem nem ter passado pela mão, ou olhos de um professor, não foram feitas reescritas dos textos pelos alunos; não foram arrumadas pelo aluno as palavras destacadas quando o professor as marcou; há textos com o visto de professor e falhas não percebidas pelos mesmos; e há textos sem nenhuma verificação feita pelo professor.

Em outros textos, mas muito poucos, foram feitas as correções em aula com o aluno, de maneira que eles iam lendo para o professor e arrumando em aula seus textos, mas foi feito esse recurso de correção e reflexão com poucas crianças, em média de dois, três por sala.

A correção acabou por se deter em alguns casos apenas na correção gramatical, não houve uma reflexão sobre os “erros” com relação às palavras

ou a concordância, nem ao menos foi feita a reescrita do texto, ou o aluno levado a refletir sobre a palavra escrita de uma maneira não correta.

O professor deve explorar as necessidades dos alunos sem criticar ou apontar seus “erros” abertamente para não frustrar o aluno. A criança traz a marca da oralidade para o texto, o que não está errado, faz parte do seu desenvolvimento, mas deve perceber com as escritas do texto a diferença entre a forma escrita e de como se fala, mas isso requer tempo e treino nas produções de texto, além de atenção e muito boa vontade por parte do professor e também de compreensão por parte dos leitores de seus textos.

Penso que não pode somente o professor corrigir com caneta os textos das crianças, ou nem sequer colocar um visto, de maneira que o aluno nem sabe se o professor leu sua produção escrita. O aluno tem a necessidade e o direito de retorno sobre sua produção.

Os alunos devem saber que seus textos devem ser escritos para que qualquer pessoa seja capaz de ler e de compreender a sua escrita e não somente escrever por escrever. Seus textos trazem um assunto, uma história, um relato e têm uma mensagem a ser passada aos outros.

Os alunos têm a curiosidade e a necessidade de saber como se escreve certas palavras e perguntam ao professor no momento da escrita de um texto, gostam de comentar o que escreveram com os colegas e isso demonstra o quanto é importante e produtivo trabalhar e incentivar a produção. Esse momento deve ser valorizado em sala de aula e estimulado cada vez mais.

Percebi em minhas observações de aula que a criança gosta de produzir, questiona sobre a escrita e comenta sobre o escreveu, mas não tem o retorno que eu como observadora esperava que eles tivessem pelo professor, nem a frequência de produção escrita que os professores mencionaram na entrevista é cumprida, mas a produção de texto é feita em sala de aula.

3. METODOLOGIA

O levantamento de dados da pesquisa consistiu em observação de aulas em classes de 2º ano, entrevista com os professores dessas turmas observadas e coleta de textos do dia da observação e após a correção feita pelos professores.

Foram entrevistados quatro professores de classe de alfabetização de 2º ano dos anos iniciais, sendo dois de uma escola municipal e dois de uma escola estadual do município de Pinheiro Machado (RS).

Coletei produções de textos de alunos das classes de 2º Ano no período final de ano letivo, nos meses de outubro, novembro e dezembro de 2012, sendo uma visita em cada aula a cada mês, foram três visitas por sala. Coletei as produções de texto de cada aluno presente após a interferência ou correção da professora.

As questões feitas aos educadores alfabetizadores foram registradas em uma folha questionário, com dados pessoais, de titulação, métodos de ensino, abordagens sobre textos e as produções dos alunos, avaliação e frequência desse trabalho com a classe (ver anexo).

O objetivo não foi de julgar o professor em relação a seus métodos serem certos ou errados, mas sim observar quais são suas técnicas em sala de aula em relação à produção textual e coletar os textos após a avaliação feita pelos professores, para observar como se dá este processo de avaliação, o que é considerando nessa leitura e que tipo de retorno o professor dá ao aluno.

Como observadora não poderia deixar de destacar meu posicionamento em que o professor poderia explorar mais o letramento, pois suas salas de aula contém um contexto de letramento ao alcance do aluno com gêneros diversos a vista dos mesmos e marcas, rótulos, etc.,

Mas suas práticas permanecem separadas e envolvidas mais no processo de alfabetizar, sem os alunos perceberem ou utilizarem as vantagens de interagir com esse meio e sem terem a oportunidade de vivenciar mais esse contexto letrado que tão rico e poderem interagir com a sociedade visando

assim a importância de produzir para alguém e saber que estão sendo agentes ativos em um contexto real.

Como por exemplo, escrever cartas para pessoas de fora da sala de aula, diretor, merendeira, etc., ou mesmo criar um jornal ou um livro com os textos da turma, mas criar e não ficar apenas na promessa, pois o aluno tem muitas o estímulo da produção escrita por escrever apenas para o professor.

Mas ao contrario disso percebi apenas escritas sobre desenhos impressos, ou textos que não levavam o aluno a pensar e a interagir em um contexto real de sociedade.

A intenção do professor pode ter sido boa, mas muitas vezes eles trocam material entre eles, colegas da mesma escola sem terem preparado, pensado e planejado as suas aulas com base em um objetivo próprio.

O que torna muitas vezes um trabalho com produção de texto vago e sem um retorno para o aluno, pois escrevem apenas por escrever, ou escrevem apenas para o professor.

A mediação do professor é fundamental para o desenvolvimento do escritor nessa fase de aprendizado de produção de textos, bem como o professor tem que saber realmente o que quer com os textos solicitados e os mesmo tem que terem um planejamento, além do que deve ele conduzir o seu aluno ao letramento em um contexto social, ter uma motivação para escrever e para quem escrever.

Observei doze aulas, sendo quatro turmas, três aulas em cada turma e descreverei o que pude perceber em cada uma por ordem de turmas com parecer de todas as visitas juntas.

Escola estadual:

Sala de aula ampla e decorada com cartazes coloridos, alfabeto, números e possui uma caixa com revista e jornais, livros em uma estante, textos dos alunos expostos em um cartaz na parede. Os alunos sentam em fila reta e conversam bastante, levantam várias vezes para ir a mesa da professora para mostrar caderno ou a folha do texto, vão à mesa uns dos outros para conversar e também para ir a lixeira.

A primeira visita foi em vinte e cinco de outubro do ano passado a professora estava trabalhando com cópia do quadro antes da produção de texto depois deu revistas para recortes e a partir daí produziram o texto com

base no desenho escolhido. O texto deveria ter sido entregue alguns dias depois após a professora fazer a correção, mas não foi o que aconteceu, pois me foi entregue um texto que não era o do dia da visita.

A segunda visita dia 23 de novembro foi o texto sobre o medo o tema escolhido surtiu muitos comentários na turma.

Em dezembro foram poucos dias de aula com todos os alunos presentes em sala, pois as turmas foram reduzidas para ficarem apenas aqueles alunos com mais dificuldades de aprendizado, mas a professora não trabalhou produção de texto durante esses dias.

Na outra turma do estado também sala ampla com caixa de revistas e alguns livros, mas com pouca decoração na parede, poucos cartazes.

A professora me relatou ter alguns textos em casa que leva para corrigir, mas não sobra tempo para as correções, mas que eu poderia escolher o que quisesse, mas foi explicado que só recolheria textos dos dias de observações.

A primeira visita foi em 29 de outubro, produção com base em desenho mimeografado sobre o dia das bruxas, foi entregue o desenho e pedido para escrever sobre o tema.

A segunda visita foi em 26 de novembro, cheguei e os alunos estavam trabalhando em folha com problemas matemáticos, e depois foi dada uma produção sobre a menina e um cachorrinho, era escrever sobre o desenho.

A terceira visita foi em 04 de dezembro era um desenho sobre o Natal uma folha com um Papai Noel.

Nas escolas municipais não foram diferentes no tipo de produção de texto solicitada aos alunos, só pelo fato de que as turmas trabalhavam os mesmos textos durante as aulas ou em outro momento, o que era produzido em uma turma à professora da outra turma usava também, mas nem sempre no mesmo dia e fiz as visitas nas duas turmas sempre na mesma tarde.

As salas de aula são bem menores, mas com livros e revistas ao alcance das crianças, havia cartazes nas paredes e trabalhos dos alunos expostos, alguns textos e desenhos.

A primeira visita na primeira turma foi em 31 de outubro era para produzir um texto sobre um desenho Xerox de uma bruxinha com a torneira, que a professora iria usar para uma mostra artística na escola.

A segunda visita foi em 13 de novembro o texto foi sobre desenho xerox do ladrão, homem com saco nas costas.

A terceira visita dia 03 de dezembro foi também Xerox com desenho da menina na horta com um porquinho.

Na segunda turma as visitas foram no mesmo dia, mas com textos diferentes nas duas ultimas visitas, mas trocaram entre elas os modelos de textos.

Primeira visita era o texto da bruxinha para a mostra de trabalhos igual ao Xerox da outra turma.

Na segunda visita em 13 de novembro era sobre o texto do macaco em Xerox para escrever sobre o desenho.

A terceira visita foi em 03 de dezembro com a Xerox do menino com o cachorro.

Nas aulas de texto com desenho Xerox ou mimeografados as professoras solicitavam aos alunos escreverem sobre o desenho, somente escrever, sem um objetivo específico solicitado pelo professor a não ser o texto que iria para a mostra de artes.

Falta o professor criar situações com as solicitações de produção de modo que o aluno tenha um motivo real para escrever, como uma carta, uma produção para uma entrevista, um bilhete ou um anuncio de algum produto, entre outros tantos exemplos, que poderiam envolver um receptor, interagindo assim em um contexto social.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise dos resultados não foi fácil, pois o papel era de julgar a Produção de Texto na Alfabetização: O valor das primeiras produções textuais, e não o professor em si, ou o seu papel em sala de aula, e sim usar isso como argumento para chegar a minha conclusão real. Com isso refleti em alguns exemplos de Cagliari (2010), e a partir daí cheguei a um eixo final com relação a demonstrar se realmente poderá haver alguma “falha” nesse processo de desenvolvimento da criança que poderá vir a afetar as séries posteriores. Acredito que essa investigação contribuirá no sentido de compreensão do valor do processo de produção de texto nas turmas de alfabetização, e que venha a colaborar para um novo olhar e para uma prática de valorização da produção de texto nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

4.1- A IMPORTÂNCIA DADA À PRODUÇÃO TEXTUAL NA SALA DE AULA: TEORIA X PRÁTICA

O professor entrevistado falou sobre a importância e o valor que a produção textual tem para seu educando.

Pude concluir que mesmo eles trabalhando pouco a produção em sala de aula, esse trabalho é importante para os alunos desenvolverem, a prática e a imaginação, pois é escrevendo que eles irão desenvolver essa habilidade.

Os alunos são criativos e demonstram que o trabalho realmente vale a pena e que o professor das séries iniciais está cumprindo seu papel no desenvolvimento da escrita. Uso como base para essa constatação as produções recolhidas e lidas por mim, pois muitas delas são criativas e demonstram que muitos alunos produzem com facilidade, o que demonstra que o professor está desenvolvendo o processo da escrita de seus alunos de uma maneira simples em aula com o desenvolvimento de suas produções a partir dos desenhos dados ou seguindo as histórias contadas como a do medo, por exemplo, assim o professor desenvolve os textos com mais praticidade com os alunos.

Os professores observados frisam em suas aulas antes de o aluno começar a escrever os textos para observarem regras básicas como: usem

título em seus textos, parágrafo, não fazerem repetições de palavras ou frases, lerem após escreverem, isso poderá servir na estrutura das produções.

Apesar disso os alunos têm a liberdade de criar e produzir, o professor não interfere na escrita deles, nem faz nenhum comentário que possa se entender como “errados” os textos. Percebi que para as professoras observadas predomina produzir os textos e elas incentivam seus alunos a escrever e produzir.

As sala de aula observadas tinham entre dezoito e vinte e um alunos nem sempre presentes nos dias das visitas, mas os que estavam em sala sentiam a maior empolgação para escreverem seus textos, contavam para os colegas sobre o que estavam escrevendo, quantas linhas já haviam escrito, questionavam sobre a escrita de algumas palavras que tinham dúvidas e alguns iam até a mesa dos colegas mostrar a folha com os seus textos. Isso demonstra que é importante sim valorizar a produção escrita na sala de aula.

4.2- MÉTODOS UTILIZADOS PARA PRODUÇÃO TEXTUAL

O professor deve conduzir o aluno a firmar o conhecimento na escrita mesmo nas séries iniciais. Devemos como educadores explorar a imaginação dos alunos e os incentivar a escrever e para isso ele pode utilizar vários meios e ampliar seu convívio com a leitura para desenvolver seu vocabulário, desenvoltura, criatividade e imaginação.

Para refletirmos um pouco sobre o nosso papel na vida de um ser humano devemos perceber que escolhemos ser educadores em nossas vidas e em nossa sala de aula, nós somos responsáveis por cada elemento que lá está e são os nossos alunos.

Mesmo que esta seja uma profissão considerada pouco valorizada, os governos tanto municipais como estaduais têm investido mesmo que ainda pouco em formações e jornadas de professores.

Por isso ao pensarmos nas críticas que a educação vem sofrendo devemos nós como educadores fazer sempre o melhor e explorar ao máximo nossos alunos e jamais nos acomodar porque nós escolhemos esse trabalho e devemos ter a responsabilidade perante a sociedade e principalmente com relação ao futuro de nossos alunos.

Para isso não podemos parar no tempo, devemos procurar novas ideias, afinal trabalhar com produção de texto pode dar um pouco de trabalho para o professor e a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) sobre a produção de texto nos remete ao processo de construção da escrita, o que pode tornar realmente trabalhoso o processo e devemos integrar os alunos em um contexto letrado, para que mesmo eles sem dominarem a escrita venham a obter progresso.

Os professores observados durante minha pesquisa me informaram que usam como recurso para incentivo à produção textual: desenhos impressos, contos e histórias lidas pelo professor mesmo, filmes e desenhos em DVD, algumas datas comemorativas, etc.. Esses recursos utilizados pelos professores têm o objetivo de criar uma base de informação necessária para os alunos começarem a desenvolver as suas criações. Segundo os professores, após passarem um filme para a turma, por exemplo, eles fazem uma reflexão oral sobre o que assistiram e como foi o desenvolvimento dessa história, conversas sobre os personagens, espaço, pontos principais, entre outros itens, e depois o professor solicita que contem a história do filme que assistiram. E com as histórias de livros, não foi diferente o relatado, pois o professor lê, depois discutem para depois fazerem a escrita das mesmas.

Nos dias de minhas observações não presenciei nenhuma dessas atividades com as turmas. Foram apenas com base em desenhos xerocados para escrever sobre o desenho e texto levado pelo professor para leitura. Um era sobre medo e outro sobre uma menina e sua cachorrinha, depois eles deveriam contar, escrever sobre o texto lido pelo professor e dar um final para a história. Achei interessante esta atividade no sentido de o aluno passar a interagir com a história oral e transformar o que ouviu em um texto escrito, concluindo e dando sua opinião, passando a dar “vida” a sua criação e no caso do medo deveriam criar um texto sobre seus medos ou criar uma história sobre o medo. A seguir um exemplo de uma produção de um dos alunos observados o qual podemos perceber que o aluno de uma das turmas do segundo ano de alfabetização desenvolveu uma história sobre o medo com criatividade e criou situações a partir de um problema do personagem chegando a uma solução final para o mesmo esse progresso deve-se em parte ao professor e em parte ao próprio aluno.

O MENINO QUE TINHA MEDO DE CEMITÉRIO
 ERA UMA VEZ UM MENINO CHAMADO FELIPE
 ELE TINHA MUITO MEDO DE CEMITÉRIO.
 UM DIA SUA MÃE CONVIDOU ELE PARA
 IR NO CEMITÉRIO E ELE NÃO
 QUIS POR QUE TINHA MEDO. UM DIA
 ELE ESTAVA indo PARA A ESCOLA
 E QUANDO VIU ESTAVA PASSANDO
 PELO CEMITÉRIO AI ELE SAIU
 CORRENDO. QUANDO VOLTOU FOI
 PELO CUSTO CANTINHO DE CASA
 EM CASA ELE BRINCOU BASTANTE
 DEPOIS DORMIU E TEVE MUITOS SONHOS
 ASSUSTANTES DEPOIS ELE CAIU DA CAMA
 AI SUA MÃE PERGUNTOU SE ELE
 QUERIA IR E ELE FOI E ENTÃO
 O MEDO DEPOIS ELE NUNCA MAIS
 TEVE MEDO DE CEMITÉRIO FIM.

Em relação às produções de texto observadas, é possível afirmar que muitos dos alunos criaram, produziram e deixam sua marca e sua criatividade em seus textos. Como exemplo anexe este texto do medo.

A minha análise evidencia que as professoras na sua maioria das observadas valorizaram e instigaram o aluno à escrita. Constatado que os textos dos alunos os levam a um processo inicial de produção e com o objetivo futuro de desenvolver mais essa prática.

Quando iniciei a investigação da prática de produção de texto nas salas de aula, deparei-me com algo diferente do mencionado nos questionários e de minha expectativa, com relação ao que conversei com os professores sobre a frequência nas produções de texto e até mesmo pensei em descobrir algum tipo de técnica diferente usada por eles ou encontrar aulas diferenciadas com relação a desenvolver o texto, mas isso não fez com que o trabalho observado mesmo simples não fosse bom para o desenvolvimento dos alunos ou que deixe o processo de aquisição da escrita com menos valor, apenas com menos frequência.

Os professores observados ainda não conseguem inserir por completo em suas atividades o letramento, por mais que em suas salas estejam “caminhando” para isso com relação aos recursos de materiais de leitura que estão presentes nas mesmas, mas com relação às produções de texto que pedem em aula não estão inserindo o aluno ao contexto de escrever

participando de alguma práticas sociais, com os tipos de textos solicitados em aula, afinal os alunos escritores devem escrever para terem um retorno, escrever para alguém e com algum objetivo.

Nas observações feitas nas aulas alguns textos que estão anexados ao trabalho e outros tantos que não anexe, eles se repetiam entre as turmas, pois as professoras trocam atividades entre elas.

Analisando os textos do porquinho, da bruxa e a torneira, do menino e o cachorro, do macaco, do ladrão, a menina e a cachorra, o papai Noel, a bruxa e os com base em leituras feitas pelo professor como o do medo, ou os textos com temas livres remetem o aluno a escrever para o professor em sala de aula e não para um contexto social, por exemplo.

Percebi também que existe uma carência de coerência em alguns textos que poderiam sofrer uma interferência do professor para tornar a escrita do aluno mais próximo de um texto, mas também há textos coerentes, mas sem um retorno e nem participação social para esse aluno a não ser treinar a escrita.

4.3- A AVALIAÇÃO DA PRODUÇÃO TEXTUAL

Os professores me relataram em conversa que, ao avaliarem os textos dos alunos, marcam palavras a serem arrumadas, leem os textos com eles e também pedem para eles fazerem a leitura para perceberem o sentido do que escreveram, transmitem e passam para seus alunos que o que eles escreveram é importante e tem um grande valor. Mas na prática percebi que a maioria dos textos que deveriam ter sido avaliados e retomados com os alunos na realidade não foram.

Avaliar não é só escrever corrigindo com a caneta, principalmente na formação da escrita como nas séries de alfabetização dos anos iniciais, até porque o professor deveria desenvolver metas ou planejar sobre o que quer com os textos dos alunos. O que eu como professor realmente quero com esse texto proposto; que espero de meu aluno, o que vou verificar com isso.

Com base em minhas observações e refletindo segundo o que menciona Cagliari (2010, p. 120 -127), se o professor das séries iniciais não der um pouco mais de atenção a “correções dos textos”, infelizmente esses alunos

levarão consigo essa falha que poderia ser sanada nos anos iniciais. Não quer dizer que o aluno não escreva ou que não saiba escrever, mas não foi explorado com a atenção que merecia nas séries iniciais.

Devemos ter em mente, segundo Cagliari (2010, p. 107), que não se deve fazer a cobrança exagerada e deixar o aluno escrever espontaneamente e descobrir as palavras, pois há um tempo certo para o controle das formas ortográficas e não corrigir a grafia no texto do aluno e sim em outro momento. Mas esse outro momento deverá haver, e o aluno deverá reler a sua palavra e reler a sua escrita. Não devemos corrigir demais a criança segundo o autor. Mas devemos conduzir o aluno a perceber e descobrir a escrita, fazer a reescrita dos textos junto com os alunos pode ser bom para isso.

Para que o aluno produza bons textos, é necessário motivá-lo, deixando-o à vontade para que o faça de maneira espontânea. O educador deve valorizar toda a escrita produzida, levando a criança a discutir, mostrando seu ponto de vista. Incentivar o educando muitas vezes não é uma tarefa fácil, para isso o professor pode fazer uso de recursos como filmes ou contos, como já citados anteriormente, e atividades como a reescrita. Mesmo observando baixa frequência com trabalho de produção de textos em aula, que são feitas em média uma vez por semana, os alunos desenvolvem a escrita sem uma cobrança exagerada por parte do professor.

Em minhas observações percebi que não foram corrigidos todos os textos, muitos talvez só lidos pelo professor, pois não há uma única marca, ou um visto do professor.

Não tenho como dizer que essa maneira do professor avaliar está errada, pois e segundo Cagliari a maneira de como eles corrigir pode ser de não marcar os textos dos alunos para não destacar o erro e desestimular os alunos com os erros nos textos fazendo com que fiquem inseguros ao escrever, mas o professor não informou isso na entrevista, afinal, segundo eles, eles fizeram as correções do texto antes de me entregarem os mesmos. Não foram feitas reescritas com os alunos, não foram marcadas palavras para relerem e sendo assim como eles perceberão as “falhas”?

Concordo em partes com Cagliari, pois se o professor se basear por ele deixa os textos sem correção e apenas diz trabalhar depois com o “erro” do aluno. Mas e se o professor usar isso apenas como comodismo para

nãocorrigir as produções de texto e nem revê depois com a turma esses pontos.

Observemos as respostas sobre as avaliações dos textos:

- 6) Como é feita a avaliação nas produções de texto?
Observando as respostas de cada aluno ao longo de toda período e a mudança de níveis.
- 7) O que predominam nas avaliações e o que valoriza na correção dos textos?
Analisar as próprias textos valorizando a coerência escrita e a sequência das ideias descritas pelo aluno.
- 6) Como é feita a avaliação nas produções de texto?
É avaliada o desenvolvimento se o texto tem sentido e também a ortografia. corrigido junto com o aluno.
- 7) O que predominam nas avaliações e o que valoriza na correção dos textos?
A ortografia e o desenvolvimento.
- 6) Como é feita a avaliação nas produções de texto?
É FEITA AVALIAÇÃO COM O ALUNO O QUE BASTA INICIAR O TRABALHO ATRAVÉS DOS NÍVEIS.
- 7) O que predominam nas avaliações e o que valoriza na correção dos textos?
O DESENVOLVIMENTO É A SEQUÊNCIA PRIMEL- DAMENTE, A ORTOGRAFIA NÃO É O MAIS IMPORTANTE, POIS ESTÃO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO.
- 6) Como é feita a avaliação nas produções de texto?
O professor destaca os erros e cor- rige com o aluno.
- 7) O que predominam nas avaliações e o que valoriza na correção dos textos?
Predominam a repetição de palavras, como (e a), valorizo a coerência, a lógica.

Depois de ouvir os professores, ler as respostas novamente e observar os textos, alguns dos textos coletados por mim, após observar os alunos terem escritos os mesmos em aula, em que grande maioria deles foram levados para correção em casa pelo professor e só depois devolvidos para mim por corrigidos, não condiz com o que o professor mencionou em sua entrevista e nem foi feita a correção com os alunos como foi mencionado por alguns. Tive a impressão de que eles fossem apenas recolhidos dos alunos e entregues depois para mim, pois não percebi o que realmente o professor objetivou para a correção.

Percebi que os professores observados ainda continuam presos ao sistema de alfabetização, valorizando em alguns textos corrigidos as marcas da

escrita ortográfica em suas correções, mas percebi também que este professor está procurando começar a introduzir o letramento em sua rotina de sala de aula com as propostas de escrita que estão introduzindo em suas aulas. O que falta ao professor é desenvolver o “letramento” e se desencilhar desses métodos de correção em que a ortografia vem em primeiro lugar, o que muitas vezes frustra e desestimula o aluno, além do que os professores devem valorizar a produção do texto em suas aulas.

O professor ainda não mudou completamente a sua didática, está em “processo de evolução”, o que explica a vontade de mudança e as ideias que envolvem a valorização de um texto, mas está aparentemente despreparado para as mudanças na educação e também com relação ao que quer com as produções textuais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fundamental que o professor queira se aperfeiçoar e criar atividades envolvendo produção textual e maneiras de rever a escrita e a reescrita a partir das produções de texto, verificando a palavra e o texto.

As realidades estão a cada dia se transformando e não cabe ao profissional da educação se acomodar perante suas turmas. A criança está em mundo real, moderno e mutante e ela convive com a mídia e a sala de aula tem que competir com essa realidade de novos alunos. No magistério público há programas de aperfeiçoamento; sempre se aproveita algo nas formações e nas trocas com outros professores.

O professor tem que ter em mente que não tem que ser “bom” porque assim merecerá melhores salários. Ele tem que ser bom porque seus alunos precisam de bons professores e se nós escolhemos essa profissão devemos honrar nossa escolha.

Os professores que observei procuram trabalhar juntos nas escolas trocando material, ideias entre elas, mas tenho que ser realista, pois também vi profissional que pega material pronto por não ter preparado nada para o dia e corre na aula do colega para pegar o que trabalhar aquele momento, o que comprova uma falta de didática e planejamento.

Mesmo os professores trabalhando com pouca frequência a produção textual, esse trabalho não deixou de ser feito. Os alunos produzem e gostam de produzir.

Nas turmas de segundo ano em que eu tive o prazer de ser recebida, os professores estão fazendo sua parte com relação ao que condiz à produção escrita, mas não estão oportunizando a revisão da escrita. Que é um ferramenta fundamental para o desenvolvimento da escrita, nessa prática de reescrita o aluno interage com o que escreveu, repensa o seu texto e modifica se necessário.

Concluo que o professor poderia fazer mais para desenvolver o seu aluno em relação a seus conhecimentos explorando mais coisas e coisas simples para produzirem mais textos, como passeios, diários, relatos, descrições de objetos ou outros. E deve se “desacomodar” em suas aulas e passar a dar mais atenção às produções, se envolver mais com o texto do

aluno, ser o mais criativo possível em suas aulas e fazer o máximo para estimular seus alunos a produzir cada vez mais, despertando já na infância o gosto pela leitura e pela escrita principalmente. O aluno deve ser inserido em um contexto letrado e deve ser estimulado a produzir e desenvolver sua capacidade e criatividade.

E para isso necessita a intervenção do professor, lado a lado com o aluno para o desenvolvimento pleno do educando.

Concluo meu trabalho de pesquisa - Produção de Texto na Alfabetização: O valor das primeiras produções textuais, que teve por finalidade a observação em salas de aula de segundo ano para verificar as produções de texto nas mesmas, e afirmo que deveria ser dado mais valor e atenção às produções dos alunos, além de que o professor deve trabalhar com mais frequência a escrita de textos.

Nos anexos há exemplos de textos produzidos pelos alunos e demonstram que eles têm a capacidade de criar e produzir histórias boas e com conteúdo e lógica para o nível de escolaridade deles. Mesmo que em alguns casos contenham erros ortográficos ou tragam as marcas da oralidade da criança, não deixam de ser textos interessantes e criativos e que têm o envolvimento do aluno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAGLIARI, Luiz Carlos *Alfabetização & linguística*. São Paulo: Scipione, 2009

GERALDI, João Wanderley. *O Texto na Sala de Aula*. 4. Ed. São Paulo: Ática, 2006.

PCN - PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCNs).1998

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 4. Ed. Belo Horizonte, Autêntica. 2010.

ANEXOS

No anexo estão as entrevistas feitas com os professores e alguns textos de alunos das turmas observadas depois de “avaliados” pelos professores.

Entrevista com professores alfabetizadores de turmas de 2º Ano.

Escola:

Nome:

Formação(Titulação):

Tempo de atuação no magistério:

Número total de alunos:..... Alunos alfabetizados:Alunos não alfabetizados:.....

O que pensas sobre a importância da produção de texto nas turmas de alfabetização?.....

Com que frequência trabalhas produção de texto na tua sala de aula?

.....

Que método utilizas para a produção de texto?

() a partir de desenhos (gravuras)

() tema livre

() datas comemorativas

() tema específico

() continuidade a partir de textos

() a partir de gêneros variados

Outros: ...

Como a turma (alunos) reage com essa (s) proposta (s)?

() gosta () não gosta

Por quê?

.....

.....

.....

Como é feita a produção com aqueles alunos que não estão alfabetizados (que não dominam plenamente a escrita), caso haja na turma?

.....
.....
.....
.....

Como é feita a avaliação nas produções de texto?

.....
.....
.....
.....

O que predominam nas avaliações e o que valorizas na correção dos textos?

.....

Os textos após as correções são devolvidos para os alunos?

.....

Se e quando forem devolvidos há uma continuidade de trabalho com este texto?.....

Entrevista com professores alfabetizadores de turmas de 2º Ano.

Escola: E.M.E.F. Manoel Lucas Pinheiro

Nome: Claudia Isabel Stehn

Formação (Titulação): Pedagogia com pós graduação

Tempo de atuação no magistério: 20 anos

Número total de alunos: 20 Alunos alfabetizados: 15 Alunos não alfabetizados: 05

1) O que pensa sobre a importância da produção de texto nas turmas de alfabetização?

É fundamental no processo de alfabetização.

2) Com que frequência trabalha produção de texto na tua sala de aula?

No mínimo 3 vezes por semana.

3) Que método utiliza para a produção de texto?

- a partir de desenhos (gravuras) tema específico
 tema livre continuidade a partir de textos
 datas comemorativas a partir de gêneros variados

Outro: Todos os citados acima.

4) Como a turma (alunos) reage com essa(s) proposta(s)?

gosta não gosta

Por quê?

Os próprios alunos se sentem motivados e percebem que avançam com a produção de texto.

5) Como é feita a produção com aqueles alunos que não estão alfabetizados (que não dominam plenamente a escrita), caso haja na turma?

Utilizo o mesmo material, porém a atenção e a construção do texto dos não alfabetizados me ajuda de maior acm. Paralelamente.

6) Como é feita a avaliação nas produções de texto?

Observando os avanços de cada aluno ao longo de toda período e a mudança de nível.

7) O que predominam nas avaliações e o que valoriza na correção dos textos?

Análise na própria escrita valorizando: concordância, escrita e a requisição dos fatos descritos pelo aluno.

8) Os textos após as correções são devolvidos para os alunos?

Sim e as correções do texto dos não alfabetizados são feitas junto com o aluno para que possa perceber seu erro.

9) Se e quando forem devolvidos há uma continuidade de trabalho com este texto?

As vezes.

Entrevista com professores alfabetizadores de turmas de 2º Ano.

Escola: ME. F. MANGEL LUCAS PAISCE

Nome: FLAVIA DANIELA TEIXEIRA CASTRO

Formação (Titulação): PEDAGOGIA E PÓS-GRADUAÇÃO

Tempo de atuação no magistério: 14 ANOS

Número total de alunos: 21 Alunos alfabetizados: 18 Alunos não alfabetizados: 03

- 1) O que pensa sobre a importância da produção de texto nas turmas de alfabetização?
 SER UMA FERRAMENTA FUNDAMENTAL NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM.
- 2) Com que frequência trabalha produção de texto na tua sala de aula?
 NO MÍNIMO 03 VEZES POR SEMANA.
- 3) Que método utilizas para a produção de texto?
 (X) a partir de desenhos (gravuras) (X) tema específico
 (X) tema livre (X) continuidade a partir de textos
 (X) datas comemorativas (X) a partir de gêneros variados
 Outro: A PARTIR DE FILMES E HISTÓRIAS CONTADAS.
- 4) Como a turma (alunos) reage com essa (s) proposta (s)?
 (X) gosta () não gosta
 Por quê?
- 5) Como é feita a produção com aqueles alunos que não estão alfabetizados (que não dominam plenamente a escrita), caso haja na turma?
 A PROFESSORA CHAMA O ALUNO E REESCREVE O TEXTO JUNTO COM ELE ACERTANDO O QUE TEM DIFICULDADE.
- 6) Como é feita a avaliação nas produções de texto?
 É FEITA REPARANDO COM O ALUNO O QUE NÃO ESTÁ CERTO ATRAVÉS DOS NÍVEIS.
- 7) O que predominam nas avaliações e o que valorizas na correção dos textos?
 O DESENVOLVIMENTO E A FREQUÊNCIA PRIMEL-
 DAMENTE A ORTOGRAFIA NÃO É O MAIS IMPORTANTE,
 POIS ESTÃO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO.
- 8) Os textos após as correções são devolvidos para os alunos?
 ALGUNS SIM, OUTROS FORMAM LIVRINHOS
 E OUTROS VÃO PARA O PAINEL DA SALA DE AULA.
- 9) Se e quando forem devolvidos há uma continuidade de trabalho com este texto?
 ÀS VEZES SIM, OUTRAS NÃO DEPENDE
 DO INTERESSE E DIFICULDADES PARA SEREM
 TRABALHADAS COMO AS PALAVRAS QUE ERRAM
 A PROFESSORA COM CERTEZA VOLTA A TRABALHAR.

Entrevista com professores alfabetizadores de turmas de 2º Ano. *Helôjito Ribeiro*
 Escola: *Colégio Estadual Gen. José Antônio Ribeiro*
 Nome: *Helôjito Ribeiro*
 Formação (Titulação): *Pós Graduação*
 Tempo de atuação no magistério: *24 anos*
 Número total de alunos: *18* Alunos alfabetizados: *17* Alunos não alfabetizados: *01*

- 1) O que pensa sobre a importância da produção de texto nas turmas de alfabetização?

Acredito que a produção de texto é de grande importância, pois, mais o aluno produz, melhor será sua aprendizagem.

- 2) Com que frequência trabalhas produção de texto na tua sala de aula?

Semanalmente

- 3) Que método utilizas para a produção de texto?

a partir de desenhos (gravuras) tema específico
 tema livre continuidade a partir de textos
 datas comemorativas a partir de gêneros variados

Outro:

- 4) Como a turma (alunos) reage com essa (s) proposta (s)?

gosta não gosta
 Por quê?

- 5) Como é feita a produção com aqueles alunos que não estão alfabetizados (que não dominam plenamente a escrita), caso haja na turma?

O professor trabalha individualmente com o aluno.

- 6) Como é feita a avaliação nas produções de texto?

O professor destaca os erros e corrige com o aluno.

- 7) Que predominam, nas avaliações e o que valorizas na correção dos textos?

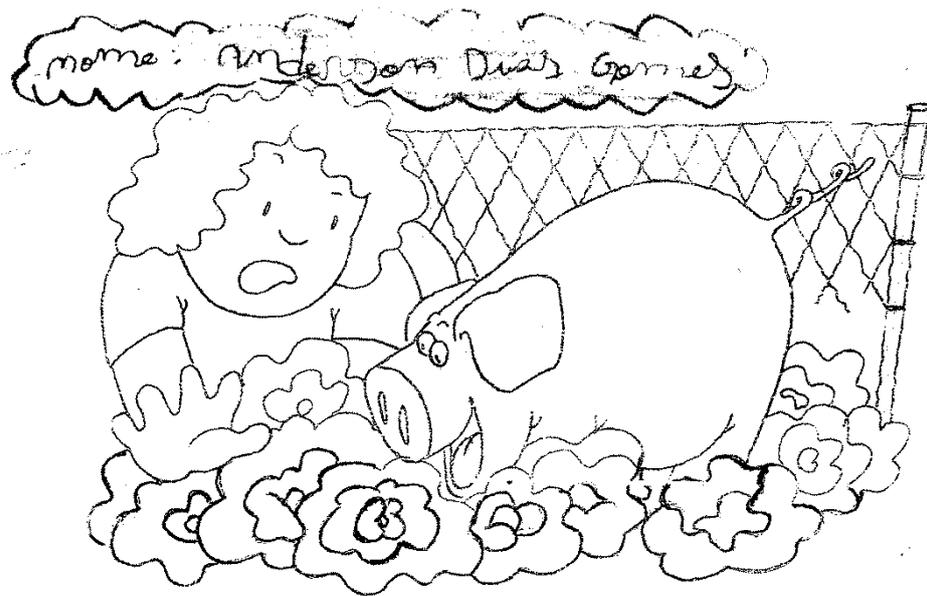
Predominam a repetição de palavras, como (e a), valorizo a coerência, a lógica.

- 8) Os textos após as correções são devolvidos para os alunos?

Sim

- 9) Se e quando forem devolvidos há uma continuidade de trabalho com este texto?

Às vezes sim.



O PORQUINHO SAPUCA

ERA UMA VEZ UM PORQUINHO QUE SE CHAMAVA
 JUNIOR. ELE TINHA UMA DONA QUE SE CHAMAVA JULIANA
 JUNIOR VIVIA NUM CHIQUEIRO COM LAMA
 MARROM. UMA VEZ JULIANA ESTAVACEU
 DE DAR COMIDA AO PORQUINHO JUNIOR
 E TINHA UMA TALBA MUITO SOLTA E
 JUNIOR SOLTOU A TALBA E SAIU DO
 CHIQUEIRO E NO FIM JULIANA
 ENCONTROU O JUNIOR NA HORTA
 ELE COMEU CENOURA, COUVE, ALIÃO
 E C. E JUNIOR FICOU MUITO GORDO.



LUAN RODRIGUES
DE OLIVEIRA

A BRUXA BOAZIMHA
ERA UMA VEZ UMA BRUXA QUE ERA MUITO MALVADA

ELA ESTAVA COM O GATINHO DO LADO DA TAPADA

GATINHO CHAMADO ZULU ELA COMO ELA CUIDAVA

DO ANIMAIS E DO GATINHO CHAMADO ZULU.



A BRUXA QUE ERA MUITO BOAZIMHA JAMAIS

OS ANIMAIS TODOS OS DIAS QUE ELA ENCONTRASSE

ELA DAVA POR ANIMAIS DA TAPADA E QUE ELA

ENCONTRASSE ELA JA DAVA MUITA COMIDA



ELA TINHA ENCONTRADO UM GATINHO E JÁ PARA

ELA NÃO SE MOVIA QUANDO ESTAVA CHOVENDO

PARA ELA NÃO SE MOVER DA TAPADA

O GATO QUE ERA CHAMADO ZULU ERA TÃO MALVADO



ELA DEIXOU A VADIMIA QUE ELA FEZ TUDO PARA

BRUXA BOAZIMHA DO ZULU QUE ELA TÃO MALVADO

ELA ESPERMENTOU E GUARDA CHOVIA DE LÁ

E COMEÇOU A SAIR ÁGUA OS GATINHO



O MENINO E O CACHORRO

ERA UMA VEZ UM MENINO E O
 SEU CACHORRO DUDU O DUDU ESTAVA
 MUITO CANSADO QUE QUERIA MUITO
 QUERER PARAR E O MENINO MUITO FELIZ
 PORQUE ESTAVA CHEGANDO O NATAL E O
 GOCU QUERIA CORRER PARA CHEGAR NA
 CASA DO SEU TIV E CORRIA
 MUITO ATÉ CHEGAR NA CASA DOS
 SEUS VISINHOS E FOI FALANDO COM
 OS VISINHOS PARA IRM NA FESTA
 DO NATAL QUE IA TER NA CASA
 DE E OS VISINHOS FORAM LA NA CASA DELE
 FINAL

JOÃO E MARIA
 ELAS ESTAVA MUITO FELIZ DE
 MAIS E DO POIS ELAS FORAM NO
 MERCADO COMPRAR FRUTAS BOAS
 DE MAIS E OS HOMES ERAM
 MAÇÃ - BANANA - ANÊCHA -
 ABACAXI - Laranja - ABACATE -
 LEFOLIA QUÊ - ELAS VIRAM
 FILH

Yumbi

1992

Data:

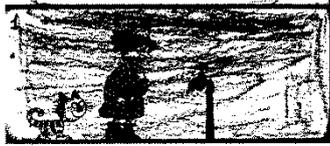
○ gilda malica

○ Paula que gilda estava la
 E foi um amor. Moaria estava e ele
 Foi pra lá mas gilda ele e catuca
 O que mesmo a história a gilda era la
 Ela muito catuca ele era muito catuca
 Por isso a Paula o dizertido de
 Moaria só que ele e la e a Moaria
 Otava também esta la e os dois
 Os dois são Jêlé da Kuka e.

Fim

Nome: Natalia

Data: 30/10/12



PERCEBEU
QUE LOP REFINADO
E REFEZ O ZINHO

A BRUXA

EM UM VEZ UM GATO E UMA BRUXA QUE
ESTAVAM QUANDO PARA A PORTA



ENTAO BRUXA VEZ UMA MORÇA

AUSAR DO OLHADA



E TRANSFORMOU A PORTA

EM UM GORRÃO CHUVA



E QUANDO COM

ABRIR O GORRÃO CHUVA

SAIU UM MONTA DE AGUA E

ELAS SE ASSUSTARAM E FUGIU

Observe as cenas e crie um texto contando as trapalhadas do macaco Simão

O MACACO SIMÃO



GRAVITAR UM NOME ESCAMALIZADO - MUI
E REPLICAR O NOME DA LOZOLMA.
ELE QUIS NA BANANA DE TODA
O SIMÃO GOSTA NA MUI
DE BANANAS E NÃO É MUI

UM DIA SIMÃO COMEU MUITA
BANANA E ELA COMEU
BANANA COM ELE OBBMU
MAL NUNCA MAIS COMEU MUITA
BANANA OBBMU ELLIE OBBMU
ACSA OBBMU LUES NUNE

8

A CASA PONTA DE S. JOÃO

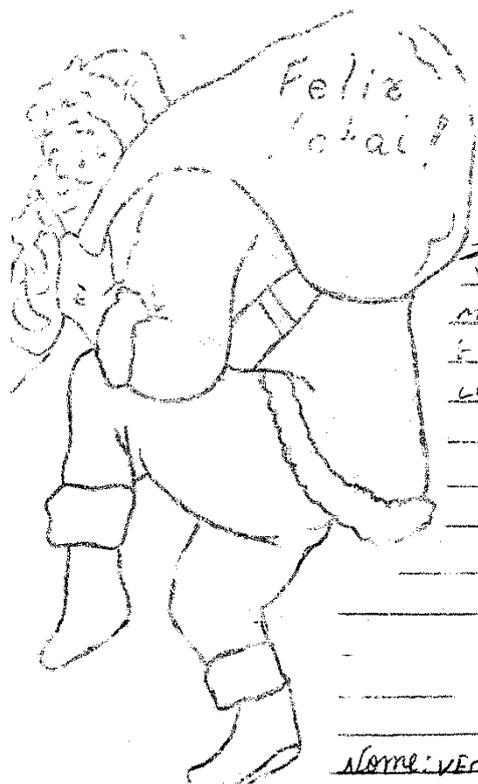


O ladrão se deu mal.
Escreva contando o que aconteceu.

a história e o resultado.

Um ladrão roubou um dinheiro que era para o pai de um menino. O pai ficou muito triste porque não tinha dinheiro para comprar o que o menino queria. O ladrão foi preso e levou para a cadeia. O menino ficou muito feliz porque conseguiu o dinheiro que precisava. O ladrão ficou na cadeia por muito tempo e nunca mais voltou para casa.

↓
O MENINO QUE TINHA MEDO DE CEMITÉRIO
↙ visto
↑ ERA UMA VEZ UM MENINO CHAMADO FELIPE
ELE TINHA MUITO MEDO DE CEMITÉRIO.
UM DIA SUA MÃE CONVIDOU ELE PARA
IR NO CEMITÉRIO E ELE NÃO
QUIS POR QUE TINHA MEDO. UM DIA
ELE ESTAVA indo PARA A ESCOLA
E QUANDO VIU ESTAVA PASSANDO
PELO CEMITÉRIO AI ELE SAIU
CORRENDO. QUANDO VOLTOU FOI
PELO OUTRO CAMINHO QUANDO CHEGOU
EM CASA ELE BRINCOU BASTANTE
DEPOIS DORMIU E TEVE MUITOS SONHOS
ASSUSTANTES DEPOIS ELE CAIU DA CAMA
AI SUA MÃE PERGUNTOU SE ELE
QUERIA IR E ELE FOI E ENTÃO
O MEDO DEPOIS ELE NUNCA MAIS
TEVE MEDO DE CEMITÉRIO FIM.

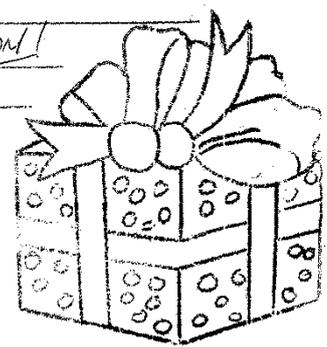


Escreva contando como você
espera que seja o seu Natal.
Não esqueça o título!

MEU NATAL

NO NATAL VOU GANHAR MUITOS PRESENTES
VOU PASSAR COM MINHA FAMÍLIA
MEUS AMIGOS VÃO ME DAR MUITAS COISAS
É O MELHOR MOMENTO DA MINHA VIDA
LEVEI UMA CARTINHA PARA ELE

MEU NATAL



Nome: VERA LUCIA

Escreva uma história sobre bruxas.

Feliz Dia das Bruxas!



O CALDEIRÃO DA BRUXA

ERA UMA VEZ O CALDEIRÃO DA BRUXA. O CALDEIRÃO ERA EM FORMA DE (ABORRÓLIA) E EM FORMA DE CABEÇA. A BRUXA BOTA EMOMES COBILAS VENENOSAS, EMOMES CASUDOS E EMOMES ALAMHAS E MINHOCAS. ELA TEM UMA VASSOURA MÁGICA E A ROUPA PASGADA E O SEU CHAPÉU É O SEU AMIGUINHO SAPO. E A BRUXA FAZ FEITIÇO. E FIM.

Nome: MARINA